

ABORDAGEM LABORATORIAL NO DIAGNÓSTICO DA PESTE SUÍNA CLÁSSICA

Danilo Ferreira CAMPOS.

Vinícius da Silva ÁZAR.

Adyson Weyke Soares MARTINS.

Palavras Chaves: Isolamento viral, sorologia, suínos infectados

A Peste Suína Clássica (PSC) é uma doença viral altamente contagiosa que afeta suínos de todas as idades, causando impactos econômicos e sanitários significativos. Devido à alta taxa de mortalidade, especialmente em animais jovens, é fundamental um diagnóstico rápido e preciso para conter surtos e evitar a disseminação do vírus. O presente estudo tem como objetivo descrever os sinais clínicos da PSC e os principais métodos laboratoriais utilizados para o diagnóstico da doença, destacando as etapas de coleta de amostras e as técnicas diagnósticas empregadas. Foram analisadas revisões bibliográficas, artigos científicos e manuais técnicos sobre o assunto, obtidos a partir de bases científicas como SciELO, PubMed, Semantic Scholar e Google Scholar. A identificação da PSC baseia-se na análise dos sinais clínicos apresentados pelos suínos infectados, bem como na coleta e processamento de amostras biológicas para exames laboratoriais. A coleta de soro de animais doentes e sadios (3 mL por animal) permite a realização de testes sorológicos, enquanto a coleta de tecidos de animais suspeitos (20 g por órgão, como baço, rim, gânglios linfáticos e amígdalas) possibilita exames virológicos diretos. As amostras devem ser transportadas resfriadas ou congeladas e, caso ultrapassem 48 horas, o animal suspeito deve ser cremado ou enterrado. Os métodos diagnósticos incluem testes diretos, como imunofluorescência direta e imunoperoxidase, e testes indiretos, como ELISA, neutralização viral por imunoperoxidase e imunofluorescência direta. O protocolo de confirmação do diagnóstico segue um fluxo estabelecido: amostras de soro são analisadas inicialmente pelo teste de ELISA e, em caso de resultado positivo ou inconclusivo, um novo teste de soro por neutralização viral é realizado. Para confirmação definitiva, realiza-se o isolamento viral por cultivo celular ou a detecção de ácidos nucleicos do vírus via PCR. Os sinais clínicos da PSC variam conforme a forma da doença. Na forma aguda, a taxa de mortalidade em animais jovens pode atingir quase 100%, com óbitos ocorrendo entre 5 e 14 dias após o início da infecção. Os suínos infectados apresentam febre alta, extremidades cianóticas, manchas avermelhadas no abdômen, conjuntivite e comportamento de aglomeração. Na forma crônica, os sinais incluem febre persistente, diarreia e perda de peso progressiva. Os impactos reprodutivos podem incluir abortos esporádicos, nascimento de leitões fracos ou prematuros. A PSC é uma doença devastadora para a suinocultura, exigindo um diagnóstico rápido e preciso para evitar perdas significativas. O uso de testes laboratoriais diretos e indiretos é essencial para a identificação do vírus e a adoção de medidas de contenção. A correta coleta e processamento das amostras, aliados a um fluxo diagnóstico bem estabelecido, garantem maior segurança na detecção e no controle da doença, minimizando seus impactos econômicos e sanitários.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento [MAPA]. INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 31, DE 23 DE SETEMBRO DE 2015. [S. l.], p. 5, 24 set. 2015.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Plano Brasil livre de PSC. Brasília, MAPA, 2019.

NOGUEIRA L. PUBVET. Peste Suína Africana: etiologia, epidemiologia, patogenia, manifestações clínicas e diagnóstico. 2021. V.15. n.11. Trabalho de conclusão de curso(Graduação em Medicina Veterinária) - UAM - UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI ,São Paulo ,2021.

SPICKLER, Anna Rovid. Classical Swine Fever, 2015.